



QUESTÕES DE LITERATURA, LEITURA E LEITOR

Ana Carla das Chagas¹
Daise Lilian Fonseca Dias²
Wanilly do Nascimento Félix³

RESUMO: Este artigo tem como objetivo central debater importantes assuntos para o contexto escolar na atualidade, isto é, literatura, leitura e leitor, e tem como foco discussões resultantes de leituras para a construção de nossas dissertações do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Inicialmente, realizaremos uma revisão bibliográfica do estado da arte em relação às concepções de alfabetização, leitura, literatura e leitor, para melhor nos fundamentarmos teoricamente, visto ser um dos nossos objetivos apresentar reflexões críticas que apontem saídas para a chamada “crise da leitura”, instaurada no âmbito de instituições de Ensino Fundamental e Médio aqui no Brasil. Para tanto, utilizaremos os pressupostos crítico-teóricos de autores renomados, tais como, Cosson (2012 e 2017), Freire (2011), Kleiman (2005 e 2013), Koch e Elias (2010), Martins (1994), e Soares (2017), dentre outros. Faremos uma reflexão sobre alguns conceitos, tais como alfabetização e letramento, o trabalho com a leitura para a compreensão do texto estudado, tipos de leitura, a relação entre autor-leitor-texto - reconhecendo a necessidade de práticas inovadoras com relação à leitura. Com isto, objetivamos oferecer aos professores discussões que possam ser úteis para a construção de um pensamento crítico-reflexivo sobre a práxis docente no que diz respeito ao trabalho com literatura e leitura em sala de aula, considerando o importante papel dos atores envolvidos no processo, a saber, professor, leitor, texto e contexto sócio-histórico de cada um. Entendemos que um dos caminhos possíveis para a referida crise está na capacitação dos professores que trabalham com a fase escolar aqui em foco.

PALAVRAS – CHAVE: Literatura, leitura, leitor.

INTRODUÇÃO

A sociedade atual caracteriza-se pela busca da informação, do conhecimento, para que o indivíduo se sinta incluído socialmente, de fora do eixo da ignorância nesse contexto informacional. Nesse sentido, o ensino de Língua Portuguesa, assim como toda educação, passa por uma fase de adequação à nova realidade, sobretudo porque a situação atual de ensino nas escolas não condiz, na maioria dos casos, com o universo fora dela, pois vivemos hoje em um mundo cheio de novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), consequência de uma cultura globalizada. Essas informações nos

¹ Mestra pelo Curso de Mestrado em Letras – PROFLETRAS da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG; wanillyfelix@gmail.com;

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB; daiselilian@hotmail.com;

³ Mestra pelo Curso de Mestrado em Letras – PROFLETRAS da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG; anacarlachagas05@hotmail.com



chegam de maneira rápida e dinâmica, proporcionando, assim, acomodação no que concerne à leitura de obras literárias e a ampliação dos nossos conhecimentos.

Sabemos que todo dia nossos alunos estão em contato com diversos tipos de gêneros, mesmo assim, são inúmeros os desafios que enfrentamos em nossas salas em relação à leitura. E é imprescindível enquanto professores a realização de uma reflexão sobre questões de leitura e literatura. Reconhecendo a necessidade de se trabalhar com o aluno o que realmente lhe desperta o prazer, pois na maioria das aulas de Literatura, esta é trabalhada apenas através de fatores históricos ou biografias de autores, escolas literárias, e isso quando acontece é no Ensino Médio, já no Ensino Fundamental os livros e aulas destinam-se, quando existem, a trechos de obras para análise de sua superficialidade, ou seja, com foco nas informações explícitas, deixando de lado muitos fatores importantes.

Pensando assim, todos têm o direito de sonhar e penetrar em mundos que só a nossa imaginação permite, e este sonho nos propicia momentos de reflexão, aquisição de saberes e prazer estético. Acreditamos que todo professor almeja a construção da aprendizagem significativa e a formação de protagonistas do saber, no caso, seus alunos. E estamos cientes de que a escola deve criar oportunidades para a construção de “ambientes leitores”, pois a literatura é sem dúvida um dos elos para as aprendizagens, e como nos diz Cosson (2017), a escola é o ambiente responsável pela construção do letramento sistemático, pois além dos muros dela se aprende muito sobre literatura com o letramento adquirido desde histórias contadas pelos avós ou antes, de dormir, assistindo filmes e com a leitura de livros, mas é na escola que penetramos nas especificidades dos textos, ampliando nosso repertório e temos a oportunidade de uma leitura direcionada. Porém, é imprescindível citar que as atividades que a envolvem devem ser bem planejadas e direcionadas aos nossos alunos para que possamos ter bons resultados.

Mediante o exposto, realizaremos neste texto uma reflexão sobre alguns conceitos como alfabetização e letramento, o trabalho com a leitura para compreensão do texto, a relação entre autor-leitor- texto, tipos de leitura para que sirvam de inspiração e instiguem os professores a transformarem algumas de suas práticas.

METODOLOGIA



A cada instante, temos a oportunidade de transformar nossas práticas educacionais, acreditando que todos podem aprender, e que no processo de ensino aprendizagem escolar devem ser levados em conta os indivíduos diretamente envolvidos nesse processo: o educando como agente de transformação e o educador como mediador e facilitador de tal aprendizagem. É nesse contexto que reconhecemos a importância de uma revisão bibliográfica do estado da arte – conforme se verá adiante - em relação ao ensino de leitura e literatura no Ensino Fundamental para futuras propostas de intervenções, no qual o foco principal é ponderar sobre problemas que envolvem tais questões, bem como buscar soluções para que os alunos sintam-se atraídos pela leitura literária no âmbito escolar. Assim, para obtenção de um resultado satisfatório é primordial uma conceituação sobre os termos alfabetização e letramento.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Soares (2017) e Kleiman (2005), nosso país enfrenta inúmeros problemas com relação ao índice de analfabetismo e analfabetismo funcional. Muito se tem discutido por esta razão, mas precisamos compreender e buscar uma transformação para o quadro que vivenciamos. Para Soares (2017, p. 17,18), “Sem dúvida, a alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas, e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito.” A autora também apresenta a complexidade que envolve a compreensão deste conceito, pois vários estudos foram realizados em áreas diferentes, tais como, a psicologia, a psicolinguística, a sociolinguística e a linguística, na busca por uma melhor compreensão acerca do que envolve tal processo, reconhecendo que também se deve levar em conta, para sua eficiente realização, os fatores econômicos, sociais, culturais e políticos que os indivíduos trazem consigo para a escola. Assim, com tantos estudos e informações, Soares (2017, p. 19) observa que “[...] uma teoria coerente da alfabetização só será possível se a articulação e integração das várias facetas do processo forem contextualizadas social e culturalmente e iluminadas por uma postura política que resgate seu verdadeiro significado.”

Com relação ao conceito de letramento, pode-se dizer que Soares (2017) já acreditava nele como uma das oportunidades para melhoria na educação, conforme expõe a citação acima e, comungando com ela, Kleiman (2005, p. 05) afirma que este



termo, diz respeito a “ um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo lugar. Porque a escrita está por todos os lados, fazendo parte da paisagem cotidiana.” Kleiman (2005) também pontua que o letramento não é um método, não é alfabetização, não é uma habilidade. Enquanto que Soares (2017, p. 46) também defende que:

[...] diante dos precários resultados que vêm sendo obtidos, entre nós, na aprendizagem inicial da língua escrita, com sérios reflexos o longo de todo o ensino fundamental, parece ser necessário rever os quadros referenciais e os processos de ensino que têm predominado em nossas salas de aula, e talvez reconhecer a possibilidade e mesmo a necessidade de estabelecer a distinção entre o que mais propriamente se denomina letramento, de que são muitas as facetas-imersão das crianças na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito [...].

É importante destacar que, em se tratando de alfabetização, segundo Soares (2017), pode-se alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando. Sendo que no primeiro, ao tempo em que se aprende o código escrito da língua, também relaciona-se o mesmo com as vivências dos educandos. Já no segundo, pode-se utilizar todos os saberes experienciais para, a partir deles, iniciar as crianças no código escrito. O importante é buscar sempre aperfeiçoar saberes e, nesse contexto, principalmente os alfabetizadores, para que possam melhorar as práticas pedagógicas e inserir os alunos no mundo da leitura crítica do texto, do mundo, da vida cotidiana.

Nesse sentido, não se deve apenas inserí-los, mas fazer isto de modo reflexivo, pois como aponta Freire (2011 p. 19), “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.” Na verdade, Freire (2011, p 30) aponta para a relevância de tal ato, isto é, a leitura, ao afirmar que “[...] a leitura da palavra não é apenas precedida pela ‘leitura do mundo, mas por certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.” Isso porque é preciso estar consciente das vantagens que a leitura proporciona tanto para os professores como para os alunos, pois ela eleva o nível de aprendizagem, aprimora a escrita, estimula a criatividade, serve como uma ponte para o vencimento de obstáculos e o alcance de profundos desejos, reais ou abstratos.



Na verdade, são inúmeros os questionamentos que inquietam os professores com relação à leitura, isso porque se compreende que esta é uma ponte para transformação de indivíduos, pois aprimora o conhecimento geral, oferece subsídios para reflexão sobre o mundo e a condição humana, favorece o desempenho de ideias próprias, conceitos e valores, aprimora a escrita e a oralidade, possibilitando o desenvolvimento do senso crítico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Koch e Elias (2010), com relação ao trabalho com leitura no contexto escolar, defendem que quando o trabalho em sala é direcionado ao autor, isto é, *o foco é no autor*, pode-se dizer que a preocupação maior é apenas em transmitir uma informação, que o leitor analise e interprete o texto na perspectiva do escritor, identificando apenas as informações explícitas no texto, sendo a leitura apenas uma forma de captar as ideias que são transmitidas, sem estabelecer uma contextualização com as vivências, pois o importante neste momento é apenas identificar o que o autor está relatando claramente no texto. Quando *o foco é no texto*, o leitor apenas analisa o que está explícito, as informações contidas no texto através do código escrito, neste momento não existe uma reflexão do leitor associando seu conhecimento com as informações contidas no texto, o importante mesmo é apenas extrair informações. E quando *o foco é na interação autor-texto-leitor*, ela difere dos dois anteriores, isso porque existe um diálogo entre os envolvidos, no qual o sentido do texto é visto como constituído de informações implícitas e explícitas, e ele é observado como uma “entidade” completa, cujas informações que contém necessitam da interlocução entre autor, leitor e texto para serem melhor percebidas e apreendidas. Eis porque Cosson (2017, p. 37) afirma que “[...] a leitura é, antes de qualquer coisa, um processo de decifração do texto, de decodificação daquilo que o texto diz.”

Todavia, para que isso aconteça é imprescindível o desenvolvimento de estratégias e objetivos da leitura, pois é do leitor que se espera as respostas que dão sentido ao que foi escrito, sendo ele o foco principal. Deve-se ressaltar que seus saberes curriculares e experienciais são de grande importância neste momento. Na concepção de Koch e Elias (2010), os leitores buscam várias estratégias para que possam compreender o texto com eficácia tais como: antecipações e hipóteses (ou predição) que posteriormente podem ser rejeitadas ou confirmadas. Isso ocorre através do



reconhecimento do autor do texto, do local de circulação, do gênero textual (ou literário), do título e de como as informações são distribuídas prendendo ou não a atenção do leitor. Sendo assim, precisa-se contagiar o leitor com a magia da leitura.

Nesse contexto, é fundamental que as características do gênero lido sejam destacadas pelo professor, com vistas a ampliar os sentidos, interligando informações e delineando o que o texto propõe. Desta maneira, os alunos tornar-se-ão protagonistas na construção do sentido do texto, unindo tudo aquilo que já sabem com o novo e, assim, adquirindo e produzindo novo saberes. De acordo com Cosson (2017, p. 39):

[...] ler é construir hipóteses sobre o sentido do texto, o qual vai se alterando de acordo com essas hipóteses e os diferentes leitores, conforme seus interesses e conhecimento de mundo. Ler começa numa apreensão geral do texto e desce para seus elementos constitutivos numa atividade inteiramente comandada pelo leitor.

Outro fator a ser considerado no processo de leitura é que o texto não é escrito por acaso, visto que existe uma intencionalidade tanto por parte do escritor (como do leitor, que lhe atribui significados e sentidos), e isto se manifesta na linguagem, nas estratégias discursivas utilizadas na composição do texto. Todavia, o leitor deve considerar as pistas oferecidas pelo autor no próprio texto (naturalmente que o conhecimento do contexto de produção é válido nesta busca por construção de sentidos, o que é mais provável que ela adquira na escola), pois não pode compreender as informações apenas de maneira empírica, embora deva utilizar-se de seus conhecimentos plurais e, através das informações oferecidas pelo autor (que muitas vezes não estão tão claras, mas a experiência leitora do professor ajudará no direcionamento), o aluno poderá perceber a multiplicidade de interpretações que o texto pode oferecer (inclusive em contextos históricos diferentes), fundamentando-se no que está proposto e na tessitura do texto, e não em algo imagético, podendo realizar qualquer tipo de leitura. É importante reconhecer que os traços linguísticos e estilísticos do texto fornecem informações para uma interpretação pertinente.

Sendo assim, várias possibilidades de leitura podem ser feitas, dependendo (do preparo) de quem está participando, ou conduzindo, a inter-relação autor-leitor-texto, naturalmente que elas sejam plausíveis, de acordo com as possibilidades que o texto oferece. Não se pode esquecer o postulado de Cosson (2017, p. 41): “Ler é um processo que, qualquer que seja o seu ponto de partida teórico, passa necessariamente pelo leitor,



autor, texto e contexto. Sem um deles, o circuito não se completa e o processo resulta falho”. Assim, para que esse processo de leitura crítica seja eficiente, alguns fatores são indispensáveis nessa relação. Isso porque, ao produzir um texto o autor sempre possui em mente um leitor ideal, podendo facilitar ou dificultar a compreensão da obra que produz (para um leitor ingênuo, por exemplo), pois, nem sempre quem lê a obra é este leitor idealizado pelo autor, mas um leitor real que, na maioria das vezes, não possui conhecimentos suficientes para um entendimento do texto sem a ajuda do professor enquanto figura-guia no processo de letramento literário.

Nesse sentido, é importante observar o que é necessário para que essa leitura seja proficiente e nessa relação qual texto é adequado a que público, se o destinado para aquela leitura em sala está de acordo com o do leitor, ou seja, cada indivíduo possui suas técnicas para construção do conhecimento e alguns textos exigem uma maior reflexão dos alunos, se o leitor tem conhecimento dos fatos e da linguagem, etc. Isto porque deve sempre existir uma conversa de compartilhamento entre o autor, leitor e o texto.

É responsabilidade da escola promover a formação de leitores protagonistas do saber, e esse leitor ao deparar-se com qualquer texto necessita utilizar várias estratégias cognitivas para que ocorra uma compreensão significativa deste. Segundo Koch (2002), para que isso ocorra o leitor recorre a três grandes sistemas de conhecimento: *linguístico*, *enciclopédico* e *interacional*. O *conhecimento linguístico* está relacionado às informações explícitas no texto, que são utilizadas para sua construção escrita e de sentidos. São as escolhas gramaticais e lexicais que o escritor utiliza em seus textos, provocando uma melhor compreensão do seu interlocutor, como também, exigindo estas competências para que o texto seja compreendido. Com relação ao *conhecimento enciclopédico* ou *conhecimento de mundo* está relacionado as vivências experienciais do leitor, tanto com relação ao conhecimento de mundo como as suas leituras guardadas na memória e os saberes curriculares. Ativando assim, a interação autor-leitor-texto.

No que diz respeito ao *conhecimento interacional*, ele faz referência como a própria palavra nos remete à interação com o texto através da linguagem que abrange outros conhecimentos como: *ilocucional* (nos faz perceber quais os propósitos pretendidos pelo autor na produção de seus textos, o que ele quer alcançar); *comunicacional* (estar diretamente ligado às escolhas realizadas pelo autor para que o leitor ideal compreenda sua mensagem tais como: informações, variante linguística a ser



utilizada e gênero textual); *meta-comunicativo* (o escritor assegura que o texto foi compreendido pelo leitor e que seus objetivos de produção foram atingidos, para isso utiliza-se de grafia diferenciada, comentários, palavras em destaque) e *conhecimento superestrutural* ou *conhecimento sobre os gêneros textuais* (permite a identificação dos textos pelas suas características, reconhecendo as especificidades dos gêneros textuais) (KOCH, 2002).

Como é perceptível, decifrar os enigmas que estão presentes na construção do texto implícito e explicitamente é tarefa que exige muitas habilidades como já foi mencionado, e não se pode esquecer a relevância fundamental do contexto para que a interação entre sujeitos-texto aconteça. É primordial a definição dessa palavra que segundo Koch e Elias (2010, p. 64), “O contexto é portanto, um conjunto de suposições, baseadas nos saberes dos interlocutores, mobilizadas para a interpretação de um texto”. Sendo assim, os sujeitos envolvidos utilizam de seus saberes sociocognitivos, da sua língua, de seu conhecimento de mundo, cultural, comunicativo e de outros para que possa existir uma “conversa” e compreensão entre autor-leitor-texto. E é através do contexto que se pode esclarecer ambiguidade, compreender informações que não estão escritas, ou seja, preencher lacunas deixadas pelo produtor, alterar os sentidos que as vezes estão presentes de forma indireta e comprovar ou refutar as escolhas e intencionalidade do produtor.

Devido a tudo isso, é necessário à realização da distinção entre *contexto de produção* e *contexto de uso* na contextualização da escrita. De início, é importante ressaltar que quando os interlocutores estão face a face eles coincidem, mas na escrita esta distinção é imprescindível. O primeiro, está relacionado ao fato de que o sentido do texto não depende apenas das informações explícitas, mas vai além, pois o produtor pressupõe um leitor ideal (conhecimentos pressupõe um leitor ideal (conhecimentos experienciais e curriculares) semelhante ao seu. E por isso seleciona as informações mais importantes para expor a este leitor. Nesse sentido, Brum (2014, p. 112) afirma que: “Toda história contada é um corpo que pode existir. É uma apropriação de si pela letra-marca de sua passagem pelo mundo. O ponto final de quem conta nunca é fim, apenas princípio.” Já no *contexto de uso*, diretamente relacionado com a escrita, do leitor ouvinte espera-se que todas as informações estejam explícitas (seu conhecimento de mundo, suas deduções, contexto, temporalidade, causa, oposição) para que ele possa



dar uma continuidade de sentido. Porém, o importante mesmo é que se realize uma conexão entre esses dois contextos para a construção de uma leitura proficiente.

Outro fator importante é a *intertextualidade*, pois sempre quando falamos ou escrevemos algo utilizamos nestes momentos os frutos de nossas vivências, ou seja, algo que já foi dito ou que já lemos. Mesmo que com outra intenção ou nossas palavras. Por isso, é de suma importância que o leitor compreenda que a intertextualidade está relacionada à inserção de dizeres dos outros ou de outros textos para produção de sentidos, como também para melhor esclarecimento ou argumentação. Esta intertextualidade pode ocorrer de forma explícita, quando temos citação ou mencionamos de forma clara este outro texto, ou de forma implícita, quando percebemos nas entrelinhas que o texto faz referência a outro. Por isso, ao produzir seu texto o escritor usa estes recursos acreditando que o leitor não só identifique o texto, mas o propósito que ele teve, como também reconheça as características constituintes do novo texto: sentido, composição, conteúdo, estilo, propósito comunicativo e gênero textual.

Sendo assim, para a formação de leitores proficientes, é preciso que a escola tenha consciência de todas estas necessidades para que possa promover momentos de crescimento intelectual através da leitura, e possam semear leitores e quem sabe colher escritores. E comungando com Prado (2010, p.4) em uma entrevista a Olimpíada de Língua Portuguesa que nos afirma: “Se a escola parar de tratar a literatura como matéria de vestibular e incluí-la no feijão com arroz de sua atividade pedagógica, o resto acontecerá sozinho e melhor: sem esforço.”. Ciente dessa responsabilidade é que devemos abrir espaço para um trabalho com a literatura, sendo ele diferenciado e planejado, para que os alunos possam sentir o prazer e vivenciar as oportunidades que ela oferece através de textos que seduzem e surpreendem.

Mediante o exposto, percebe-se que é imprescindível para o professor, promover a integração do ato de alfabetizar com o ato da leitura, conhecendo um pouco sobre seus conceitos com relação a alguns autores, sobretudo porque, conforme discute Martins (1994 p.15), desde quando nascemos realizamos este ato e, posteriormente, vamos aperfeiçoando-o: “Certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valorizá-lo para podermos ir além dele.” Esse “além dele” é o que queremos que aconteça com cada discente para que ele se torne um leitor proficiente, permitindo inclusive que ele utilize os seus sentidos para a emoção fluir no ato da leitura – literária



ou não, especialmente porque, de acordo com Martins (1994), utilizamos nossos sentidos durante a realização da leitura: o sensorial, emocional e racional, de modo que é importante reconhecer que ambos podem ser inter-relacionais.

Na *leitura sensorial*, utiliza-se a visão, o tato, a audição, o olfato e o gosto, aqui, tem-se uma leitura livre muito mais do que mera apreciação de um enredo, por exemplo. Quem não já se deparou observando o som dos pássaros, o ruído do trem, o cheiro do livro novo, as imagens que se transformam em um texto, em um livro ou mesmo à sua volta. Martins (1994 p. 40) afirma que “Essa leitura sensorial começa, pois, muito cedo e nos acompanha por toda a vida. Não importa se mais ou menos minuciosa e simultânea à leitura emocional e racional.” Na *leitura emocional*, utiliza-se os sentimentos, de modo que é fundamental que o professor disponha desse conhecimento teórico para, inclusive permitir a realização de uma viagem até para outro mundo por parte do discente que lê, embora isto seja algo involuntário do ser humano. O que se quer dizer com a afirmação acima é que o professor deve fugir de leituras engessadas onde não há espaço para o fruir da fantasia, sobretudo no âmbito do Ensino Fundamental. A característica acima descrita é o que encanta e proporciona prazer a quem lê, principalmente quando se une com a leitura sensorial. A imaginação aqui abraça forte e transporta o leitor comandando seus passos, talvez por isso ela seja defendida por Martins (1994 p. 49) como “[...] a leitura mais comum de quem diz gostar de ler, talvez a que dê maior prazer.”

Na *leitura racional* é o momento de decifração dos enigmas do texto, ler e perceber as informações explícitas e implícitas, como também correlacioná-las com o contexto, sentimentos e emoções. É nesse momento que as dificuldades vão aparecer e é preciso atenção e concentração para desenvolver de forma eficiente a construção do conhecimento, isto é, do letramento literário nos educandos. Entretanto, observa-se que se os três tipos de leitura forem unidos, tudo tornar-se-á mais fácil, conforme avalia Martins (1994, p. 66)

[...] a leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, atribuir significado ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais.



A este respeito, vale destacar as seguintes considerações de Cosson (2017, p.17):

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmo. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada.

É por estas e tantas outras razões que acreditando na proposta de que o letramento literário pode transformar os alunos em leitores competentes pelo prazer, satisfação e querer, que existe uma urgente necessidade desse estudo e de práticas voltadas a ele. Assim, é imprescindível compreender que o letramento literário está diretamente interligado com a leitura de textos literários que envolvem tanto o conhecimento intelectual, histórico e social da obra, como o conhecimento do seu autor e suas características, mas ele vai além, visto que permite a liberdade de construção e reconstrução de concepções, compreendendo-as como uma linguagem em um círculo, no qual se pode opinar, interferir e até debater com autores e personagens no imaginário, como também refletir o presente, relacioná-lo com o passado para se ter capacidade de intervenção no futuro.

Outro ponto a destacar é que a literatura está em nossa volta não apenas através dos textos canônicos que também são importantes, mas com as cantigas de ninar, novelas, filmes, músicas, romances, etc. Contudo, na maioria das vezes, os alunos só vão ouvir falar na “disciplina de literatura” quando já estão no ensino médio e mesmo assim este trabalho é bastante fragilizado, constituindo-se de um saber cansativo com uma sequência de fatores históricos, características de estilos de época e nome de autores, sem espaço para a fruição. Não se está desconsiderando o valor de tais elementos que fazem parte do processo de escolarização da literatura e, conseqüentemente, do letramento literário sistemático e formal que é papel da escola oferecer aos discentes. O que se quer chamar atenção é para o essencial, o próprio texto e sua tessitura, que, na maioria das vezes, fica de fora do estudo de literatura na escola, mesmo sabendo-se que este pode oferecer múltiplas competências e aprendizagens relevantes aos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

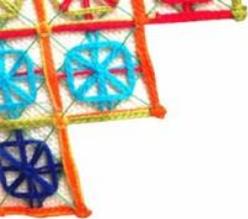
Constata-se pela observação da prática docente nas escolas que frequentamos e em ponderações de autores que discorrem sobre o assunto, que no Ensino Fundamental



o que acontece é apenas a leitura de trechos de obras descontextualizadas, ocasionando lacunas na formação dos leitores que poderiam ser rompidas com um maior estudo por parte dos professores e um planejamento com foco no interesse dos alunos, estabelecendo através disto e da sequência didática literária um caminho a ser trilhado por toda escola para a formação de leitores proficientes. Cosson (2017, p. 26, 27) defende que no “ambiente escolar, a literatura é um lócus de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser ensinada de maneira adequada. A escola precisa ensinar o aluno a fazer essa exploração.” Por isso, é preciso ter cuidado com as escolhas que oferecemos aos alunos, pois antes de tudo, deve-se pensar e observar o que eles gostam, o que interessa a ele.

REFERÊNCIAS

- BRUM, E. *Meus desacontecimentos – A história da minha vida com as palavras*. São Paulo: Leya. 2014.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. 1 ed. Contexto, São Paulo. 2017.
- CENPEC. Centro de estudos e pesquisa em educação, cultura e ação comunitária. In: *Na ponta do lápis*. São Paulo, 2010. Ano VI. Nº 15.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011, vol. 22.
- KLEIMAN, Ângela B. (org) *Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Campinas, UNICAMP/MEC, 2005
- KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas/SP: Pontes Editores, 2013.
- KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.



SOARES, M. *Alfabetização e letramento*. 7 ed, 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.